



DESENHO, INFÂNCIA E REPRESENTAÇÃO

DRAWING, CHILDHOOD AND REPRESENTATION

DOI: <https://doi.org/10.55847/enlaces.v1i1.778>

Suzane Costa Lopes Braz^{*}

Lilian Miranda Bastos Pacheco^{**}

RESUMO: Eis uma revisão bibliográfica acerca da relação entre representação e a ação de desenhar no contexto da infância. A problemática norteadora é: em que medida o imaginário se manifesta no desenho da criança? É relevante discutir a relação entre desenho e infância, contextualizando conceitos como desenho, infância e criança. A conceituação de infância é pensada a partir de Müller e Hassen (2009), como fenômeno híbrido e condição social do ser criança; e Freud (1980), que entende a infância em perspectiva atemporal. Os termos imaginário e representação são postos na perspectiva de Pesavento (1995) e Gombrich (1995). Elucidar as possíveis relações entre o ato de desenhar na infância e o imaginário da criança é um dos caminhos pensados com o intuito de responder a problemática inicial. O desenho, sobretudo na infância, se mostra como representação gráfica emaranhada ao imaginário da criança. As considerações finais apontam que o desenho carrega consigo traços do imaginário conexos a um fluxo de acontecimentos, no qual a criança está inserida. O desenho se constitui entrelaçado a acontecimentos, não é pura representação gráfica.

PALAVRAS-CHAVE: Desenho. Infância. Imaginário. Representação.

ABSTRACT: Here is a bibliographic review about the relationship between representation and the action of drawing in the context of childhood. The guiding problem is: To what extent is the imaginary manifested in the child's drawing in childhood? It is relevant to discuss the relationship between drawing and childhood, contextualizing concepts such as drawing, childhood and children. The conceptualization of childhood is thought from Müller and Hassen (2009) as a hybrid phenomenon and social condition of being a child, and Freud (1980) who understands childhood from a timeless perspective. The terms imaginary and representation are put in the perspective of Pesavento (1995) and Gombrich (1995). Clarify the possible relationships between the act of drawing in childhood and the child's imagination is one of the ways thought out in order to answer the initial problem. Drawing, especially in childhood, is shown as a graphic representation entangled in the child's imagination. Final considerations point out that the drawing carries traces of the imaginary, connected to a flow of events in which the child is inserted. Drawing is intertwined with events, it is not pure graphic representation.

KEYWORDS: Drawing. Childhood. Imaginary. Representation.

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – PPGDCI/UEFS. E-mail: suzanecostah@hotmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8872-0904>.

** Professora do PPGDCI/UEFS. E-mail: lilianmbp01@gmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-2728-7158>.

1 INTRODUÇÃO

O primeiro objetivo desta pesquisa é entender a criança pequena enquanto ser aberto a experimentações. O segundo aspecto que dá sustentação a esta produção é o de compreender como o desenho pode se intercalar ao imaginário da criança e também se desdobrar na questão da representação. Assim, a problemática norteadora para este texto foi: em que medida o imaginário se manifesta no desenho da criança na infância?

Discorrer sobre a possível manifestação do imaginário no ato de desenhar da criança requer compreender que o desenho no contexto da infância não se relaciona somente a representação, mas é carregado de simbolização. A simbolização é, aqui, pensada a partir de elementos que perambulam no desenho da criança, dando um sentido além da representação.

2 O DESENHO DA CRIANÇA NA INFÂNCIA

O termo *desenho* é considerado como um conjunto bidimensional formado por representações gráficas como linhas, formas, pontos e, por outro lado, intercalado ao imaginário da criança. Já o conceito de *infância* remete a um sujeito: a criança. O que isto tem a ver com desenhos? A sintonia entre a criança e um giz de cera é visível. Qualquer superfície, inclusive o corpo, é espaço para rabiscar. Há uma intrínseca relação entre a criança e o rabiscar e desses rabiscos é que surgem as primeiras garatujas até chegar aos denominados desenhos, de fato, representativos.

De acordo com Almeida (2003, p. 27, grifos da autora),

[...] as crianças percebem que o desenho e a escrita são formas de dizer coisas. Por esse meio elas podem “dizer” algo, podem representar elementos da realidade que observam, e com isso,

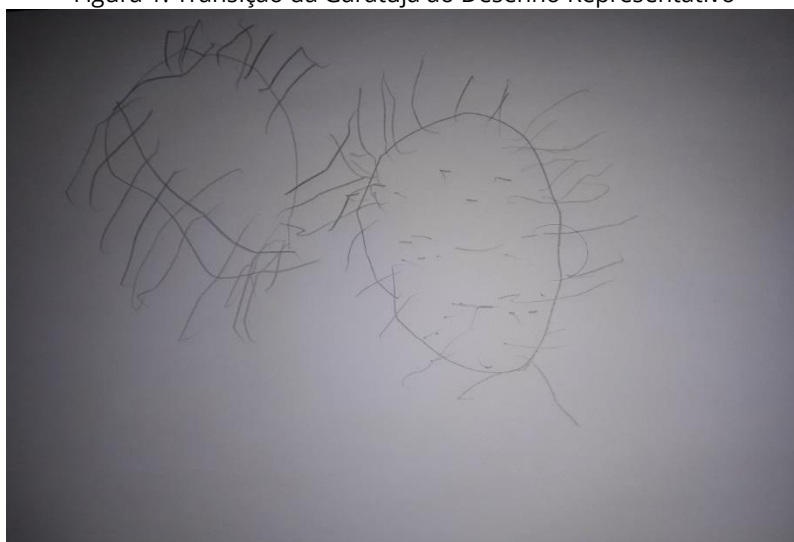
ampliar seu domínio e influenciar sobre o ambiente. (ALMEIDA, 2003, p. 27, grifos da autora).

Nesse sentido, o desenho se mostra como abertura para a criança se expressar, representar sua experiência de mundo numa concretização da sua vivência perceptiva entrelaçada ao imaginário. Ora, a criança não começa a desenhar do nada, há algo que antecede esse momento e isso talvez esteja relacionado às suas experimentações e também à sua maneira de perceber o mundo à sua volta.

As crianças começam a rabiscar, logo surgem as garatujas (registros dos movimentos no espaço do papel), que gradativamente vão explorando formas e contornos. Os desenhos surgem após os rabiscos e garatujas, como numa evolução das formas de comunicação desenvolvidas pela criança. De acordo com Lowenfeld e Britain (1970), os desenhos e garatujas são uma base para o desenvolvimento cognitivo da criança. É válido ressaltar que o desenho infantil é entendido na sua relação com a imaginação e como uma possibilidade de tradução do pensamento.

O desenho da criança com faixa etária entre dois e quatro anos recebe o nome de garatuja, na classificação de Lowenfeld e Britain (1970). Nesse sentido, a fase da garatuja é o começo da representação que antecede e prepara a representação e percepção espacial que a criança possui do ambiente no qual está inserida. Talvez para os outros seres humanos que convivem com a criança, a garatuja não faça sentido, mas para a criança que é autora se configura numa expressão de algo que, de algum modo, a tocou e é exploração do meio ambiente que preenche/preencheu sua vivência simbólica.

Figura 1: Transição da Garatuja ao Desenho Representativo



Fonte: Acervo pessoal. Captura em 15 de set. 2018.

Percebe-se a intencionalidade na Figura 1, a criança deseja expressar algo e o leitor/observador do desenho já começa a poder intuir seu significado só pela percepção visual. O desenho acontece, não há um intermédio avaliativo, talvez seja algo que tenha relação com a memória ou, talvez, simplesmente o lápis passeando num papel qualquer com ajuda da imaginação infantil, sem sequer representar o mundo visível e tangível onde perambulam os adultos. A criança pequena consegue entrelaçar o surreal e o real sem ter uma intenção arraigada a isso, sem compreender o que significa ambos.

Dessa forma, de acordo com Javelbertg e Trindade (2009, p. 92),

A garatuja nada representa, mas é um devir da simbolização. A forma abstrata, por sua vez, na arte do jovem e do artista não quer representar, quer acontecer na superfície, no espaço. Até pode ter base algo no real, mas não quer trazer as coisas, prefere discutir a arte. (IAVELBERTG; TRINDADE, 2009, p. 92).

Esse aspecto conexo à simbolização da garatuja permite ao observador uma leitura do desenho da criança, assim a enunciação ensaia seus primeiros passos. Contudo até aqui o desenho está livre de representações e do

aprisionamento atrelado ao verbo ser, embora para a criança que fez a garatuja seja algo.

Quando as crianças descobrem

a possibilidade de registrar, elas começam a organizar esses registros envolvendo aspectos culturais nessa forma de representação do mundo. [...] Logo a criança passa a diferenciar e identificar formas, demonstrando assim, sua capacidade de selecionar interesses, sem falar na habilidade motora e de memorização. Ela já nota diferenças, semelhanças; generaliza, abstrai e classifica. (SANTOS, 2014, p. 81).

Cada conquista assinalada por Santos (2014) promove percepção e compreensão de novos conceitos por parte da criança. Há todo um caminho trilhado em descobertas que a criança atravessa e, ao mesmo tempo, é atravessada por experimentações no decorrer do percurso. Não é apenas o espaço físico que condiciona aprendizagens à criança, mas também o contexto simbólico e o campo emocional.

O desenho, a partir desse olhar, é uma possibilidade não só do desenvolvimento das capacidades cognitivas da criança, como um meio de registrar a aprendizagem. Em um desenho, cenários são formados, tudo encontra um lugar na superfície do papel; a visualidade da criança sobre a sua realidade circundante e também de si mesma encontram um lugar de fecunda expressão. Segundo Pillar (1996, p. 40),

[...] se concebe a construção de conhecimento como fruto da atividade de criança, e a linguagem gráfico-plástica como um sistema de representação a ser reconstruído pelo sujeito ao se apropriar desse objeto de conhecimento. (PILLAR, 1996, p. 40).

O desenho aparece como abertura para a representação. Aliado à imaginação é possibilidade de exploração do meio ambiente ao redor e das

próprias experiências, assim possibilidade de tradução/comunicação do pensamento. O desenhar, ao tempo que promove o registro, é ato de comunicação e ação cognitiva.

3 O DESENHO COMO REPRESENTAÇÃO

Desenhos expressam a imaginação e, talvez, esse expressar-se [no caso da criança] também esteja relacionado com o verbo ser. A criança bem pequena - na faixa etária de 2 e/ou 3 anos - desenha relacionando involuntariamente pensamento e imaginação, embora ela rabisque algo através da livre imaginação, isso pode envolver [ou não] sua percepção de mundo. De acordo com Derdyk (1994, p. 51).

O desenho é a manifestação de uma necessidade vital da criança: agir sobre o mundo que a cerca, intercambiar, comunicar. A criança projeta no seu desenho o seu esquema corporal, deseja ver a sua própria imagem refletida no espelho do papel. (DERDYCK, 1994, p. 51).

Assim, o desenho se mostra como espaço para experiências da infância. O desenhar possibilita uma liberdade de ser, muitas vezes negligenciadas pelas vivências cotidianas da criança.

Nesse sentido, o desenho pode ser um diálogo, não necessariamente uma procura por um outro, mas um expressar-se consigo, podendo ser uma tradução, uma manifestação, como afirma Pesavento (1995, p. 15-16, grifos da autora),

[...] no domínio da representação, as coisas ditas, pensadas e expressas têm outro sentido além daquele manifesto. Enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um 'outro' ausente. O imaginário enuncia, se reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente. Este processo, portanto, envolve

a relação que se estabelece entre significantes (imagens, palavras) com os seus significados (representações, significações), processo este que envolve uma dimensão simbólica. (PESAVENTO, 1995, p. 15-16, grifos da autora).

A capacidade de simbolizar é inerente ao ser humano e se mostra numa dimensão que também é possibilidade para o existir humano. Desse modo, o desenho faz parte dessas possibilidades de realidades das quais cada sujeito histórico vivência. O desenho é também movimento, assim como o ser humano vive imerso em um constante movimento de abertura, o desenho se mostra numa captura de um desses movimentos, traduzindo numa superfície qualquer um acontecimento que marcou determinado ser humano num espaço/tempo da sua existência. Segundo Gombrich (1995, p. 54- aspas do autor),

Aquilo que um pintor investiga não é a natureza do mundo físico, mas a natureza de nossas reações a esse mundo. Ele não se preocupa com as causas, mas com o mecanismo de certos efeitos. Seu problema é de natureza psicológica- trata-se de conjurar uma imagem convincente apesar do fato de que nenhum tom isolado corresponde ao que chamamos de "realidade". (GOMBRICH, 1995, p. 54- aspas do autor).

Talvez esse mundo encontrado pela arte seja de difícil transcrição, mas cada ser humano que estiver aberto as potencialidades propiciadas pela arte pode experimentá-lo. Cada um possuirá uma experiência única com a arte, em cada momento que alcançar esse mundo, conforme Gombrich (1995), será singular ou conseguirá experimentar de maneira similar. Se a arte fosse uma fonte, cada ser humano a vislumbraria e a utilizaria à sua maneira. A arte não é uma fonte, mas é percebida por cada um de modo diferente, cada um é tocado de uma maneira que jamais se repetirá existencialmente.

4 O IMAGINÁRIO NO DESENHO DA CRIANÇA

O imaginário, neste texto, se mostra como um *a priori*⁹ para o ato de desenhar. O desenho está entrelaçado a topofilia, cujo conceito, na perspectiva de Tuan (2012), está relacionado a atitudes e valores ao meio ambiente e a percepção. Talvez o desenho englobe tudo isso. Desenhar envolve perceber, olhar, sentir, isso é traduzido numa ação: o desenho. A criança não está em um momento experienciando a infância e outro imersa no *mundo dos adultos*, não há fronteira entre crianças e adultos para demarcar concretamente as diferenças nas fases de desenvolvimento biológico vivenciadas pelos seres humanos.

Construções e desconstruções fazem parte da infância. A ação de desenhar no contexto de ser criança é uma marca de ressignificar e concretizar a expressividade artística dessas vivências. O desenhar se abre num leque de possibilidades para a criança, sendo sinônimos de vários verbos para os pequeninos e pequeninas, a saber: brincar, dialogar, registrar, expressar, criar, narrar entre outras ações são realizadas junto ao desenhar.

Na perspectiva de Freud (1980), a infância possui um caráter atemporal, ou seja, a criança permanece no adulto. A infância não é cronológica, ela permanece à medida que o ser biológico se desenvolve. Esse desenvolvimento de cada sujeito, não apenas biológico, é histórico e social. Assim,

“[...] as crianças se constroem e se autodefinem no seu processo de desenvolvimento, a partir do que podem ser concebidas não como produtos da cultura, mas como ativas na produção de um mundo social que lhes é próprio, isto é, produtoras de cultura”. (MÜLLER; HASSEN, 2009, p. 470).

⁹ *A priori* é aqui utilizado na perspectiva Max Scheler, referindo-se ao que é dado antes de qualquer experiência concreta. In: SCHELER, Max. Ética: Nuevo Ensayo de Fundamentación de un Personalismo Ético – Tomo I. Buenos Aires: **Revista do Ocidente Argentina**, 1948.

Outra análise inerente a esse contexto é que não há como separar, no entendimento da criança, o que é da infância e o que não é. Será que é possível estabelecer fronteira para uma criança com idade entre dois e cinco para demarcar o mundo tangível em contradição ao seu imaginário? De acordo com Pesavento (1995, p. 24 – grifos da autora),

O imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o 'verdadeiro' e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação de ser e parecer. (PESAVENTO, 1995, p. 24, grifos da autora).

Há um paradoxo envolvido no desenho da criança: até que ponto o desenhar possui relação com o imaginário? Ou será que quando começa a ser desenho deixa de ser imaginário? Ora, desenho não é imaginário, desenho é ação comunicativa interligada ao imaginário, pois considera-se que a criança é um ser histórico e social que deixa transparecer traços do imaginário nos seus desenhos. Os desenhos são atravessados pelo imaginário infantil e o imaginário infantil atravessa a ação de desenhar por parte das crianças.

Figura 2: Desenho realizado a partir da cantiga "Pirulito que bate-bate"¹⁰.



Fonte: Acervo pessoal. Captura em: 14 Nov. 2020.

A Figura 2 é fruto de uma proposta em um livro didático da Educação Infantil. Na atividade, é solicitada que a criança cante a cantiga popular *Pirulito que bate-bate* e, em seguida, desenhe algo sobre essa cantiga. A criança desenha duas pessoas, ambas com um coração dentro do que representa a parte do tronco humano, também há um coração próximo a elas, ou seja, é um contexto feliz, em que o gostar foi representado simbolicamente por corações e gestos de sorrisos nas bocas dos personagens.

A criança ainda não compreende conceitos como imaginário e representação, mas mesmo assim sua percepção do que é o gostar é traduzida num desenho, embora esse não seja sinônimo de imaginário, traços da imaginação, do mundo intangível que é fruto de uma experiência consciente por parte da criança, é traçado em seu desenho.

Junto com Derdyck (1994), compreende-se que o desenho é um meio que a criança encontra para organizar o espaço ao seu redor com os materiais que

¹⁰ Pirulito que bate-bate/ Pirulito que já bateu/ Quem gosta de mim é ela/ Quem gosta dela sou eu.

possui em mãos. A percepção de espaço e do corpo são consideradas e traduzidas, de acordo com o querer das crianças. O desenho não é apenas a representação da vivência, mas também uma demonstração de como essa vivência é percebida ou como a mesma deveria ser organizada pela ótica da criança.

Desenho é diversão, é interação. O desenhar é uma maneira de liberdade que a criança encontra para contornar situações que não lhe agradem. Quando a criança desenha, ela é autora de uma história e assim cria os personagens e acontecimentos, de acordo com o seu pensamento de como as coisas deveriam ser organizadas e/ou realizadas nas vivências sociais. Num desenho, as regras são ditadas por aquele que desenha, o desenhar se constitui numa relação de poder que a criança autora determina.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenho carrega consigo traços do imaginário conexos às experiências de mundo no qual a criança está inserida. O desenho se constitui entrelaçado a acontecimentos, não é pura representação gráfica. Não estamos negando que o desenho seja uma possibilidade de representar, mas afirmando que no caso do desenho da criança, há algo além de ser representação. E muitas vezes, o sentido fundante dos desenhos desses sujeitos da infância passam despercebidos pelos sujeitos que dividem o mesmo espaço/tempo com elas.

O desenho não é uma simples correspondência a algo, uma vez que pode ser uma tentativa de dialogar com as experiências circundantes à criança. Não tem como compreender um desenho sem ouvir a narrativa do sujeito que o fez e sem conhecer a realidade em que ele está inserido.

Aqui, sugere-se que o desenho flui de maneira espontânea e também a partir da intervenção de outros sujeitos. Mas, é válido ressaltar que em ambos os casos o desenho está arraigado ao imaginário da criança. Compreender como acontece essa relação não foi um caminho pensado para este texto. Esse movimento entre desenho e imaginário é pertinente e é perceptível nas vivências de desenhar das crianças.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1994.

FREUD, Sigmund. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileiras das obras Psicológicas completas de S. Freud**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GOMBRICH, Ernst. **Arte e ilusão: Um estudo da psicologia da representação pictórica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

IABELBERG, Rosa; TRINDADE, Rafaela Gabani. Arte infantil: do Pré-Simbolismo ao Abstracionismo. **ARS** (São Paulo), 2009, vol.7, no.14, p.86-97. ISSN 1678-5320. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202009000200007. Acesso em: 20 Out. 2018.

LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MÜLLER, Fernanda; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. A infância pesquisada. **Psicologia USP** [online], Set 2009, vol.20, no.3, p.465-480. ISSN 0103-6564.

Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642009000300009 Acesso em: 20 Set. 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

PILLAR, Analice D. **Desenho e escrita como sistema de representação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SANTOS, Litza Pereira. Produção acadêmica sobre desenho na educação infantil. *In*: Lílian Miranda Bastos Pacheco (org.). **Temas essenciais na Educação Infantil**. Salvador: EDUFBA, 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

Recebido em: 07/12/2020

Aprovado em: 17/12/2020